Tragédia de Chitima:

Fome, fantasmas e violência doméstica atormentam órfãos e viúvas de pombe

Por Célia Sitoe (texto) e Tomás Queface (fotos)*

Em Janeiro de 2015, um total de 75 pessoas morreram na Vila de Chitima, Sede do Distrito de Cahora Bassa, após terem consumido uma bebida de fabrico caseiro, denominada Pombe. A tragédia, que coincidiu com o pico das cheias, nomeadamente na Província de Zambézia, chocou o país e o mundo; mas ela deixou um legado talvez ainda mais pesado: mais de uma centena de crianças sem amparo, incluindo órfãs de pai e mãe. Entre estas, mais de vinte abandonaram a escola, enquanto dezenas de viúvas são expulsas das casas que construíram com os seus falecidos maridos, pelas famílias destes. Os traumas incluem fantasmas que atormentam famílias enlutadas, durante a noite, conforme depoimentos de sobreviventes, recolhidos no local por uma equipa de pesquisa do SEKELEKANI.

Luta pela sobrevivência

Um total de 120 crianças, provenientes de mais de 30 famílias, vivem em situação crítica, sendo desprovidas de meios de sobrevivência, na vila de Chitima, sede distrital de Cahora Bassa em, Tete. Deste grupo, perto de 30 já abandonaram a escola.

A situação surge na sequência do consumo de uma bebida de fabrico caseiro, de nome Pombe, confeccionada na base de cereais, e que provocou a morte de 75 pessoas em Janeiro passado, por aparente envenenamento. Entretanto, análises laboratoriais de amostras da bebida suspeita de ter intoxicado as vítimas, solicitadas a diferentes laboratórios no estrangeiro, não encontraram qualquer prova desta suspeita, e, assim, as causas reais desta tragédia ainda estão por desvendar.

A intoxicação afectou sobretudo nove bairros de Chitima, nomeadamente Cawira A e B, 25 de Junho, Vale Chitima, Cadongolo, 1° de Maio, Josina Machel, Cahó e Boroma. O

Bairro 25 Junho é o que mais casos de orfandade registou, por morte de pai e mãe, que deixaram sem amparo um total de 19 crianças, seguida do bairro de Cawira B, com 12 crianças órfãs.

As 120 crianças pertencem a 34 famílias, sendo que 54 são do sexo masculino e 66 do sexo feminino. Deste número 22 jovens e crianças não frequentam a escola, segundo dados da Direcção Provincial da Mulher e da Acção Social de Tete.

A fabricante da mortífera bebida, Olivia Olocane, também perdeu a vida. A sua família vive agora, também, numa situação dramática. “Estamos a sofrer muito; a nossa mãe é que nos sustentava; agora ficamos sem ninguém para nos garantir alimentação. Transportamos latas de água para outras famílias, recebendo cinco meticais por cada lata. Às vezes conseguimos 60 meticais e conseguimos comparar caril”, conta Luísa Alfredo, filha da malograda. Entretanto, o pombe continua a ser consumido normalmente em Chitima, mas Luísa Alfredo diz que não voltará a consumi-lo, tão pouco fabricá-lo, uma vez que matou quase toda sua família.

Novidade Caetano de 27 anos, que padece de tuberculose, perdeu os pais e conta que para a sua alimentação depende da cesta básica de alimentos oferecida pela Acção Social. Com os pais vivos, Novidade vendia peixe; mas teve de interromper esta actividade, para tomar conta dos irmãos mais novos. “O meu pai, quando estava vivo, comprava bolacha, papaia e sorvete; agora ninguém compra nada para mim", diz a Virgínia, uma menina de quatro anos.

A mãe do Bernardino Bernardo foi a primeira vitima conhecida desta tragedia. Bernardino conta que, após as mortes massivas, muitas famílias enlutadas são assombradas por espíritos nocturnos, em suas casas. Segundo ele, estas almas ou fantasmas aparecem em sonhos, ao longo da noite. Já durante o dia, ele sente a casa "pesada", e acrescenta que “algumas famílias já estão a fazer tratamentos tradicionais, para esconjurar estes fantasmas; mas que seria melhor se fosse feita uma cerimónia de "limpeza" ou "purificação" para comunidade e, de uma vez por todas, parar-se com o fabrico e consumo de pombe.

Crianças com futuro incerto e viúvas expulsas de suas casas

Para acudir as vítimas da mortandade, e, em particular, providenciar algum apoio social às famílias enlutadas, foi criada, ainda em Janeiro, uma Comissão de Gestão da Tragédia. Segundo informa o presidente desta estrutura, Artur Bila, algumas crianças que perderam os pais foram acolhidas por membros da família residentes em outras províncias, como Sofala e Manica e ainda a cidade de Tete.

No rol das crianças órfãs, existem alguns casos críticos, de dois menores de 3 e 15 anos de idade, portadoras de deficiência física.

Na escola primária de Chitima, estudam 48 crianças órfãs, das quais três resultaram do consumo de pombe, pelos seus pais, em Janeiro último. O director da escola conta que esta está a receber alguma assistência em termos de material escolar e uniformes, para evitar a desistência escolar.

Ainda outras crianças órfãs foram acolhidas pelo Centro Viveiro dos Anjos, uma instituição da igreja católica que assiste raparigas órfãs e necessitadas. Lúcia Mezuza, coordenadora do centro, explica que recebeu três crianças, nomeadamente Winai Quefo, Alda Lino e Minusca.

Winai tem 10 anos, e não frequentava a escola; só neste ano ingressou no ensino primário. Ela conta que gostaria de ser professora mas a ausência dos pais tornam as coisas mais difíceis. Winai recorda que ajudava a sua mãe nas tarefas domésticas.

Alda Lino, de oito anos, frequenta a quarta classe, com o sonho de, quando adulta, ser enfermeira. Quando vivia em casa, a família recebia uma cesta básica da Acção Social: diz que agora a família está a pressiona-la para regressar, por causa da cesta…. São crianças cheias de sonhos, mas correm o risco de nunca concretiza-los, se não lhes for garantida assistência adequada.

A coordenadora do centro, Lúcia Mezuza diz que gostaria de acolher mais crianças; porém não dispõe de orçamento, e neste momento o centro apenas tem capacidade para acolher vinte meninas.

O pombe, que não é considerada bebida alcoólica naquela região, mas sim bebida de convívio e socialização, é consumido por pessoas de todas idades, incluindo crianças, jovens e adultos, sem qualquer restrição.

Olivia Birte, uma menina de 6 anos, que consumia a bebida diariamente, foi também vítima da intoxicação, mas sobreviveu depois de ficar uma semana internada. Apesar de considerar o pombe uma bebida saborosa, Olívia diz que não voltará a tomá-la, por temer a morte.

O seu irmão, Janeiro Birte, de 3 anos de idade, também consumiu a mesma bebida e, em consequência, sofreu vómitos e diarreias; porém não chegou a ser internado no centro de saúde local e hoje ele , assim como toda a família Birte, goza de boa saúde.

A tragedia de Janeiro atingiu também de forma particular a mulher. Cerca de 25 viúvas estão a ser expulsas das suas casas, por terem perdido os maridos. As famílias destes alegam que, com a morte dos maridos, o casamento e todos os direitos a ele inerentes, terminaram, e elas devem regressar às casas de seus pais. “É a regra; parece que é geral aqui em Chitima assim como noutras partes do Distrito de Cahora Bassa: basta morrer o seu marido, não tens mais nada: acabou! Existe uma família com duas viúvas do mesmo marido e com cinco filhos: uma tem três e a outra tem dua. Agora vão sair daquela casa, só ficam os filhos" , conta Artur Bila.

Na família de Elsa Manuel, uma sobrevivente, três pessoas perderam a vida, incluindo a mãe. Agora, para o seu sustento, Elsa fabrica uma bebida de nome “Niba” confeccionada na base de farelo de milho. Elsa tem uma filha, mas conta que é a segunda esposa do marido, o que a obriga a mais esforço diário para sustentar a filha.

Assistência às vítimas

A Comissão de Gestão de tragédia foi criada logo que começou que se verificaram as primeiras vítimas. Imediatamente começou a receber produtos de apoio vindos de vários pontos do país, de individualidades, de organizações da sociedade civil, bem como de partidos políticos, além do governo.

O presidente da comissão diz que numa primeira fase os produtos serviam para apoiar as famílias nas cerimónias de enterro das vítimas; os primeiros "cabazes" incluíam um saco de 50kg de arroz, um saco de 25kg de farinha de milho; uma caixa de massa esparguete, outra de massa cotovelo, 5 litros de óleo, 5 frangos, 10kg de carapau, 5kg de feijão.

Passado algum tempo o foco estava nas crianças órfãs, desde que não fossem casadas, pois deste subgrupo social não beneficiavam dos quites de alimentação.

Artur Bila fez saber que, depois de algum tempo, passou a haver falsificação das listas: “quando estávamos a meio da distribuição dos produtos, na quarta ou quinta fase, já

apareciam pessoas que diziam nós bebíamos o pombe mas não fomos ao hospital", ilustra Bia.

Pelos vistos, vai levar ainda muito tempo, até sararem as sequelas da mortandade de Janeiro de 2015 em Chitima e os fantasmas dos mortos exorcizados.

---

*Pesquisadores do Centro de Estudos de Comunicação SEKELEKANI